

FRANCISCO FAUS

A PAZ NA FAMÍLIA

4^a edição



QUADRANTE

Copyright © 1997 Quadrante Editora

Capa
Provazi Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Faus, Francisco

A paz na família / Francisco Faus — 4ª ed. — São Paulo: Quadrante, 2024.

ISBN: 978-85-7465-610-6

1. Família 2. Irmãos e irmãs 3. Marido e mulher 4. Pais e filhos 5. Paz 6. Relações domésticas 5. Pais e filhos I. Título

CDD-158.24

Índice para catálogo sistemático:

1. Família : Relações interpessoais :
 Psicologia aplicada 158.24
2. Paz na família : Relações interpessoais :
 Psicologia aplicada 158.24

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270

CEP 01252-020 - São Paulo - SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
UMA DESCIDA AOS PORÕES	17
A FAMÍLIA EM PERSPECTIVA	51
CONSTRUIR A PAZ FAMILIAR	79
NOTAS	125

INTRODUÇÃO

Desejos de paz

Se perguntarmos a uma pessoa recém-casada qual é o bem que mais deseja na família, provavelmente responderá:

— O amor.

Se fizermos a mesma pergunta a um homem ou a uma mulher já maduros, com longos anos de convivência familiar, é provável que nos responda:

— A paz.

Nem todos dirão isso, certamente, mas muitos, sim. É que os anos de convívio entre marido e mulher, e entre pais e filhos, vão evidenciando, com

luminosa clareza, que a paz é um bem inestimável, tanto mais precioso quanto mais frágil e difícil é de conseguir e de conservar.

— Paz! Pelo amor de Deus, quero paz lá em casa! — dizem alguns, com gemidos de naufrago que já não aguenta mais segurar-se numa tábua no meio da tormenta.

Têm ampla experiência das agruras da «guerra»: desavenças, incompreensões, brigas, maus humores, recriminações, injustiças, teimosias, desafios, reclamações monótonas... A esses, a harmonia parece-lhes um sonho que lhes escapou das mãos há muito tempo, como se fosse um balão perdido no espaço, sem meio algum de o recuperar.

A harmonia familiar é um ideal que essas pessoas entristecidas amam, com um amor ardente e dolorido, unido à convicção amarga de que a paz familiar estável

não existe na terra ou, caso exista, é uma loteria que não os contemplou.

Uma loteria, uma questão de sorte. É assim que muitos veem as alegrias da paz familiar. Uns são agraciados e outros não. Qualquer pessoa — pai, mãe, filho — que se queixa da falta de paz familiar costuma dispor de uma explicação para essa infelicidade: a má sorte de ter que conviver com um cônjuge ou filhos — ou pais — de caráter difícil, de temperamento insuportável, de... Instintivamente, o queixume pela falta de paz toma a forma de uma acusação. Sabemos bem quem são os culpados, e sabemos bem de que males são culpados. É a grosseria do marido, é a indisciplina e o desrespeito dos filhos, é a tirania irracional dos pais... Ou, então: «É que não me compreendem, não me escutam, não acreditam em mim, não têm responsabilidade, não têm ordem,

gritam à toa, ofendem... Assim, não é possível ter paz!»

Em face dessa tendência para a acusação dos outros, parece-me muito sugestivo o seguinte comentário de um escritor brasileiro:

«Nos casos de conflitos entre pessoas [o autor está tratando do divórcio], asseveramos que a única solução, o único termo ou desenlace perfeito só pode ser atingido quando se chega à confrontação leal e verídica de um sentimento de culpa. Um desentendimento jamais poderá ser resolvido se as partes obstinadamente fogem dessa confrontação. Consegue-se um apaziguamento com evasivas, com fórmulas conciliatórias como aquela: “ninguém tem culpa”; mas só se consegue uma cura profunda e fecunda no momento em que cada parte queixosa seja capaz de um duplo ato moral: o do reconhecimento de sua

culpa, na base de uma genuína humildade; e o da ciência proporcionada e justa da culpa alheia, num ato de misericórdia, predisposto ao perdão [...]. O remédio específico para os humanos desentendimentos não pode ser puramente psicológico. Há de ser moral, e não é outro senão o ato de humildade e o ato de generosidade»¹.

É um conselho lúcido e muito útil. Sim. Quando cambaleia ou naufraga a paz familiar, a primeira coisa que devemos fazer é deixar de lado toda e qualquer acusação, por objetiva e justa que pareça, e começar pela tarefa humilde de reconhecer as nossas culpas: «Qual é a minha parte de culpa no mal-estar familiar?» Ninguém nos pede que assumamos *toda* a culpa, mas sim que *começamos* por enxergá-la e aceitá-la sem desculpas, como passo prévio para conquistar ou reconquistar a paz no lar.

Depois disso, poderemos dar o segundo passo, o da ponderação serena e objetiva da culpa alheia, e então estaremos em condições de encarar essa culpa com a disposição generosa de compreender e perdoar, de corrigir e ajudar.

As cordas do coração

Uma comparação simples pode ajudar-nos a perceber melhor a conveniência de começar reconhecendo a nossa culpa.

O coração humano pode ser comparado a um instrumento de cordas. Imagine, se quiser, um violino, uma harpa, ou um piano, que tem cordas também.

É claro que, para extrair do instrumento uma música harmoniosa — uma sinfonia, uma rapsódia, uma sonata —, é necessário um bom intérprete. Mas não adianta dispor do melhor intérprete

do mundo, se o instrumento tem as cordas soltas ou mal afinadas. Por mais que o virtuose se esforce, só conseguirá dissonâncias roucas ou estridentes, ruídos abafados, cacofonias. A primeira coisa que fazem os músicos de uma orquestra, antes de que o regente levante a batuta e imponha o silêncio expectante do início do concerto, é afinar os instrumentos. Qualquer amante da música lembra-se desses barulhinhos inconfundíveis de violoncelos, violinos e contrabaixos a regular as cordas.

Pois bem, o coração também tem as suas cordas. Umas cordas que se chamam virtudes ou defeitos. São as cordas da humildade ou do orgulho, da fortaleza ou da moleza, da preguiça ou da laboriosidade, do otimismo ou do pessimismo, da generosidade ou da mesquinhez... Virtudes que soam bem, ou defeitos que soam mal.

Os outros, quer sejam amáveis ou grosseiros, quer sejam pacientes ou irritadiços, farão soar dentro do nosso coração uma nota conforme as nossas cordas. Se a corda da generosidade anda fraca, qualquer atitude da esposa, do marido, do filho ou do pai que exija algum sacrifício fará vibrar a nota desafinada do mau-humor. Pelo contrário, se o coração for grande e a corda da generosidade estiver «bem temperada», mesmo as agressões mais desagradáveis dos outros farão ressoar a nota da compreensão, da afabilidade que desvia a discussão, da grandeza de alma que finge nem ter reparado na ofensa. E, então, haverá paz.

Vale a pena, portanto, insistir em que a *primeira* causa das desavenças, brigas e desarmonias, não convém buscá-la no que «os outros fazem ou dizem», mas na maneira como isso

que fazem ou dizem — quer seja bom, quer ruim — repercute no nosso coração. Lembremo-nos do exemplo de Cristo. Ele — cujo coração de Homem-Deus tinha as cordas das virtudes divinamente afinadas — espalhava à sua volta uma paz imensa, não só quando pregava aprazivelmente nas margens do lago de Genesaré, e todos se encantavam com as suas palavras, mas também quando agonizava no alto da cruz, cercado de impropérios, zombarias e tormentos atrozes.

Do coração é que sai tudo, dizia Cristo (Mc 7, 21). Tudo depende do coração, do amor, da bondade e das virtudes que nele se enraízam. Boas virtudes são geradoras de paz. Defeitos arraigados são provocadores de guerra.

Como entendia bem São Paulo o ensinamento de Cristo! Bastará, por ora, lembrar apenas dois trechos das suas

cartas, que põem à mostra as cordas da paz e as cordas da guerra:

— Cordas da paz: *Revesti-vos de entranhada misericórdia, de bondade, humildade, mansidão, paciência. Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, se um tiver contra outro motivo de queixa [...]. Mas, acima de tudo, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição. Triunfe em vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados* (Cl 3, 12-15).

— Cordas da guerra: *Nenhuma palavra má saia da vossa boca [...]. Toda a amargura, indignação, cólera, gritos, injúrias, e toda a espécie de malícia, sejam banidos dentre vós* (Ef 4, 29.31).

Guerra e paz, sim. Vale a pena encará-las ambas. E, para que a nossa reflexão seja como uma escada, que vai subindo dos fundões até as cumiadas, assim como Dante começou a *Divina Comédia*

pelo Inferno, também vamos iniciar estas simplicíssimas meditações entrando, primeiro, nos porões onde fermentam os conflitos familiares, para depois subir, contemplar com perspectiva cristã o ideal familiar, e procurar, enfim, os caminhos que podem conduzir a família à paz.

UMA DESCIDA AOS PORÕES

PRIMEIRO PORÃO: O ORGULHO

O «eu» sobre o altar

De todas as cordas desafinadas do coração, a pior é a do orgulho. Este vício capital é o primeiro inimigo da paz familiar; o orgulho que, de resto, é o inimigo número um de toda a bondade e de toda a alegria. Não é em vão que a Bíblia diz, no livro do Eclesiástico, que *o orgulho é o princípio de todo o pecado* (Eclo 10, 15).

Mas, o que é o orgulho? Uma definição clássica reza assim: «O orgulho é o apetite desordenado da própria excelência». Trocando a frase em miúdos,

significa: é o desejo exorbitado de sobressair, de ficar por cima, de ser valorizado, acatado e estimado; é a ânsia de sentir-se superior aos outros, ou pelo menos nunca inferiorizado; é a incapacidade de aceitar qualquer coisa que fira o nosso amor-próprio ou rebaixe a nossa imagem.

O orgulho cega. Essa supervalorização do nosso «eu» impede-nos de enxergar a verdade sobre os nossos defeitos e culpas, porque não suportamos que essa verdade nos situe abaixo do alto conceito que fazemos de nós mesmos ou nos coloque por baixo dos outros.

Poderíamos dizer que a pessoa orgulhosa construiu um altar dentro do seu coração, onde entronizou o seu próprio «eu» como um ídolo intocável, que constantemente defende e adora. Qualquer coisa que atinja esse falso «deus», qualquer coisa que tente questioná-lo

ou ameace rebaixá-lo, provoca no orgulhoso uma reação imediata, violenta como uma descarga elétrica, ou abafada e surda (por exemplo, um mutismo sufocante, um ar carrancudo de dignidade ofendida, etc.), que acaba com a paz.

Não há dúvida de que o orgulho é a corda mais desafinada do coração. Melhor dizendo, o orgulho é todo um conjunto de cordas desafinadas. Procuraremos agora ouvir o som de algumas delas. Não será agradável a música, mas pode ser bom escutá-la, não, evidentemente, pelo prazer maldoso de ver retratadas nela as falhas das pessoas da nossa casa («É o vivo retrato do meu marido», «Acho que o autor deste livro fez a radiografia da minha mulher», «É, chapado, o meu irmão», «Olhe aí a cara da minha sogra»...); não, não vamos procurar esse prazer ruim... Pelo contrário, vamos tentar fazer um

reconhecimento humilde dos porões escuros da nossa própria alma — das *nossas* cordas desafinadas —, com o intuito positivo de ajustar-lhes as cravilhas, de afinar, em suma, o instrumento poderoso que é o nosso coração e, com a ajuda de Deus, conseguir que ele vibre com notas cada vez mais puras e harmoniosas.

Vejamos, pois, essas *cordas*, sem pretender falar de todas, nem colocá-las numa determinada ordem de importância. Pensemos simplesmente nos atritos familiares que nos são mais conhecidos e deixemos a reflexão correr.

Facilmente salta à vista uma primeira corda bem mal ajustada: a *crítica*.

A pessoa orgulhosa tem muito aguçado o espírito crítico. Não por rigor filosófico ou científico, mas por «superioridade» arrogante. O orgulho só lhe deixa ver o lado ruim dos outros, que

ele contempla de cima para baixo, com ar de desaprovação, com um desprezo prévio, preconceituoso, que é parecido com o do fariseu da parábola de Cristo: *Eu não sou como os outros homens [...], nem como este publicano* (Lc 18, 11).

Como pode haver paz e harmonia num lar onde o pai, ou a mãe, ou o filho adolescente, ou a filha universitária..., passam a vida criticando, reclamando, resmungando e «botando defeito» em todas as coisas dos outros?

Para o irmão, o que a irmã disse é estúpido, e assim o proclama em voz alta; para o pai, os ideais e sonhos do filho são tolices, que lhe lavam o cérebro e o afastam da única coisa que interessa: ganhar dinheiro; a comida — responsabilidade direta da mulher — sempre está ruim: ou é salgada demais, ou é insossa, ou é uma fábrica de colesterol, ou parece ração de granja. Uns e outros só

veem que os demais falam alto, ou chegam tarde, ou não respondem, ou olham torto, ou não ligam nem um pouco para o que se lhes diz, ou têm amizades intratáveis, ou escolhem os piores momentos para fazer as coisas... Em resumo: críticas, críticas e mais críticas. Como se o «crítico» tivesse um sensor que só fosse capaz de captar o negativo.

Só a título ilustrativo, vou contar uma pequena e divertida história da vida real. Um casal de velhos. Ele, arrastando a perna, vai fazer as compras para a geladeira e a despensa (não no supermercado, mas na quitanda, como corresponde a um homem de outros tempos). Ela, boa pessoa, tem, no entanto, o vício de criticar. Volta ele da quitanda com o carro cheio: lá tem de tudo e um pouquinho mais. Mas a carametade, em vez de agradecer, só se lembra de gritar, com um rangido de

arranhar a alma: «E o jiló? Cadê o jiló? Você se esqueceu do jiló!»

Essa corda da crítica fica ainda mais desafinada quando se transforma, por um pior desajuste, na corda da *ironia* ou do *sarcasmo*. Nestes casos, o desprezo é mais ferino. Ironizar é quase sempre diminuir e humilhar o outro. Às vezes, é pisar em cima dele até deixá-lo esmagado no chão. Uma ironia bem aplicada é um dos golpes mais baixos que o nosso orgulho pode desferir nos outros.

— Puxa, desta vez, de cada três palavras que você falou com os convidados, só quatro eram asneiras. Parabéns, vai melhorando! — espeta o marido, sarcasticamente, na cara da mulher.

— Fulano (colega do marido) já foi promovido faz um ano, e você ainda pastando lá em baixo. Deve ser porque o ar daquele escritório de pé-rapado te faz bem... — ridiculariza a mulher, mexendo

com um marido já complexado pela falta de sucesso profissional.

— Sabem de que sofre «o» neurônio da loira? — pergunta ironicamente o menino convencido, olhando com desprezo para a irmã. — Sofre de solidão!

No dia seguinte vem com outras duas piadas, que ele acha melhores ainda: — A loira burra (que, por sinal, é bem mais inteligente do que ele) só tem três neurônios no cérebro: um receptor, um emissor..., e o terceiro para atrapalhar os outros dois! E tem mais! Como é que a gente sabe que a loira usou o computador? Quando tem líquido corretor na tela!

Deus nos livre da ironia corrosiva, que é a escória da nossa vaidade e da nossa arrogância. Não poucas vezes, achando-nos «engraçadinhos», estamos esfaqueando os outros. Peçamos a Deus que, em casa e fora de casa, saibamos

praticar somente a ironia amável, simpática, aquela que não fere ninguém, mas alegra os corações e faz rir com gosto.

Mais cordas desafinadas

Existem outras cordas mal soantes do orgulho. Seria difícil lembrá-las todas. Mas, para ficarmos prevenidos e tentarmos melhorar, talvez seja útil examinar ainda mais três ou quatro delas.

Uma corda, um defeito muito aparentado com a crítica, é a mania de *fiscalizar*, partindo da base de que sempre existe «coelho no mato». O paradigma pitoresco desse espírito de suspeita é a figura lendária do marido que, todos os dias, ao chegar a casa, aplica uma homérica surra na mulher e nos filhos, e esclarece depois: «Não sei o que eles fizeram, mas eles sabem...»

Há pais que parecem estar sempre a fazer uma auditoria na mulher e nos filhos, com um bloco de multas e o Código Penal na mão. A alguns deles, costume chamá-los, brincando, «Catão, o Censor»*. E o mesmo se poderia dizer de certas mães, que mostram uma eterna desconfiança para com os filhos. Interrogam policialmente a todos sobre todas as coisas; vasculham gavetas, papéis e armários à procura de «algo errado»; não acreditam no que eles dizem; fazem complicadas pesquisas telefônicas para se certificar de que estiveram mesmo lá onde disseram que iam; perguntam mil vezes a mesma

(*) Marco Pórcio Catão (234-149 a.C.), personalidade pública de Roma que recebeu o apelido de *censorius* pelo rigor inflexível com que criticou o relaxamento de costumes, devido à influência grega.

coisa, para ver se os apanham em contradição. Em consequência, os filhos se exasperam, ficam fora de casa o mais que podem e acabam caindo na teia de aranha das mentiras, provocadas pela desconfiança dos pais.

Quando essa desconfiança se dá entre marido e mulher, e degenera na doença mortal dos ciúmes, então a paz familiar está à beira do naufrágio. O lar torna-se uma câmara de gás, cada vez mais venenoso e asfixiante. O homem ou a mulher que se torturam, e torturam o cônjuge, com a máquina mortífera dos ciúmes, deveriam compreender que só têm duas saídas para esse beco letal: ou reconhecem que o ciúme é fruto de um requintado orgulho (o da pessoa que se sente como uma divindade nunca suficientemente adorada); ou aceitam o fato de que estão doentes, e vão-se tratar com um bom especialista.

O que não é possível é dizer «Eu sou ciumento» e continuar a transformar o lar num inferno.

Também é manifestação clara de orgulho a mania de *ter razão*. Como é desagradável conviver com uma pessoa que, por princípio, não aceita que a contradigam, ainda que o façam serenamente e com bons argumentos; que não é capaz de ceder — até mesmo quando já não tem mais o que retrucar —, mas sente a necessidade de dizer a última palavra, porque não quer dar o braço a torcer. «Eu estou com a razão, e pronto!»

É tão bom ceder! Só é preciso ter um pouco de humildade, ungida com um pouco de caridade. São Josemaria Escrivá aconselhava sempre aos casais — e a todas as pessoas de boa vontade — a não discutir. «Da discussão — escrevia — não costuma sair a luz, porque é apagada pela

paixão»². E punha um minúsculo exemplo prático, com palavras semelhantes a estas: — Para que discutir com a mulher, que afirma que a prima Fulana tem trinta anos, teimando em dizer que «já tem trinta e dois»? É melhor ceder, e não atear uma discussão por uma insignificância. Que importância têm dois ou três anos a mais ou a menos?

Às vezes, para ajudar algum obstinado discutidor a abaixar as armas, costumo dizer-lhe: «Você já pensou que ninguém vai para o Céu pelo fato de “ter tido razão” nas discussões? No dia do Juízo, ninguém vai perguntar-lhe se, na vida, você “teve razão”. Pelo contrário, vão perguntar-lhe se soube compreender os outros, se soube perdoar, aparar arestas e espinhos no convívio e evitar conflitos por minúcias tolas».

Por último, para não fazer uma enumeração interminável de *cordas do*

orgulho, vou lembrar algo que me dizia recentemente um velho amigo, e que me deixou pensativo e comovido. Eu vinha meditando sobre o que agora estou a escrever, e ocorreu-me perguntar a esse amigo (pai de uma família unida e exemplar, que acabava de celebrar as Bodas de Ouro do seu felicíssimo casamento): «Fulano, qual acha você que é o segredo da paz familiar?»

Confesso que esperava umas palavras um tanto românticas. Por isso, surpreendeu-me a resposta: «Eu diria que o segredo da paz na família é a educação».

Reconheci, depois, que há nessa resposta uma enorme dose de sabedoria cristã, acrisolada pela experiência. A *grosseria*, com efeito, não resulta só da deficiência de formação de berço. É sempre um ato de orgulho, porque constitui uma falta de respeito para

com a pessoa rudemente tratada, um rebaixamento, uma humilhação. Na terceira parte desta obra, ao falar dos bons caminhos que levam à paz, deveremos mencionar o respeito — feito de humildade, compreensão e grandeza de coração —, como base indispensável para o amor e, portanto, para a harmonia e a paz. Mas, por ora, vamos deixar este assunto por aqui.

SEGUNDO PORÃO: O EGOÍSMO COMODISTA

História triste de chupim

Rubem Braga tem uma crônica deliciosa, intitulada *História triste de tuim*. Vamos começar este novo item com uma crônica nada deliciosa, que poderíamos chamar *História triste de chupim*.

Na casa onde moro, há um pedacinho de jardim na frente e um quintal